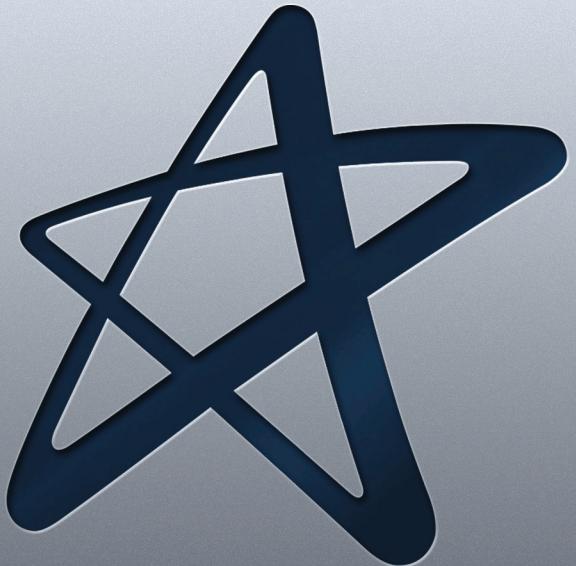


Ética Geral e Cidadania



Material Teórico



Questões Éticas Contemporâneas e Ética Profissional

Responsável pelo Conteúdo:

Prof. Dr. Silvio Pinto Ferreira Junior

Revisão Técnica:

Profa. Dra. Jane Garcia de Carvalho

Revisão Textual:

Profa. Dra. Selma Aparecida Cesarin

UNIDADE

Questões Éticas Contemporâneas e Ética Profissional



- A Ética do Consumo
- Ética e Trabalho: Evolução Histórica do Trabalho
- Individualismo e Ética Profissional



OBJETIVO DE APRENDIZADO

- Refletir a respeito da sociedade contemporânea em relação aos comportamentos que diminuem drasticamente a possibilidade de cultivo de relações éticas.



Orientações de estudo

Para que o conteúdo desta Disciplina seja bem aproveitado e haja uma maior aplicabilidade na sua formação acadêmica e atuação profissional, siga algumas recomendações básicas:



Assim:

- ✓ Organize seus estudos de maneira que passem a fazer parte da sua rotina. Por exemplo, você poderá determinar um dia e horário fixos como o seu “momento do estudo”.
- ✓ Procure se alimentar e se hidratar quando for estudar, lembre-se de que uma alimentação saudável pode proporcionar melhor aproveitamento do estudo.
- ✓ No material de cada Unidade, há leituras indicadas. Entre elas: artigos científicos, livros, vídeos e sites para aprofundar os conhecimentos adquiridos ao longo da Unidade. Além disso, você também encontrará sugestões de conteúdo extra no item **Material Complementar**, que ampliarão sua interpretação e auxiliarão no pleno entendimento dos temas abordados.
- ✓ Após o contato com o conteúdo proposto, participe dos debates mediados em fóruns de discussão, pois irão auxiliar a verificar o quanto você absorveu de conhecimento, além de propiciar o contato com seus colegas e tutores, o que se apresenta como rico espaço de troca de ideias e aprendizagem.

Contextualização

No mundo atual, no qual o individualismo prevalece como consequência de um modelo econômico globalizado como é o Capitalismo, é imprescindível que os valores éticos e morais que se adaptaram a esse cenário de extrema competitividade sejam revistos e reavaliados em todas as esferas – política, econômica, social, cultural etc. Educação, neste caso, tem papel fundamental para que o homem não venha a ser vítima de sua própria conduta e comportamento.

Vamos iniciar o estudo sobre “Questões éticas contemporâneas e Ética Profissional”, refletir e discutir a respeito para compreender o momento atual e suas rápidas transformações.



Convido você a assistir a palestra do Prof. Dr. Mário Sérgio Cortella, sobre Ética, disponível em: <https://youtu.be/QU8LJXSq4IE>.

A Ética do Consumo

“Qual é a causa do mal? Todo esse problema atormentou os filósofos, e suas tentativas de resolvê-lo nunca tiveram muito sucesso. O mal parece pertencer àquelas coisas sobre as quais até os homens mais cultos e inventivos não podem saber quase nada”. (Hannah Arendt)

O filósofo Aristóteles já afirmava que tudo que o homem precisava para ter uma vida confortável já havia sido descoberto ou inventado e, estando realizado materialmente, restaria somente dedicar-se à elevação do espírito. Porém, Aristóteles apontava também para o momento em que o homem sentiria uma insatisfação absoluta, assim que tivesse conquistado todos os bens materiais que desejasse.

Em meados do século XX, os economistas se mostraram preocupados com a possibilidade de chegar o dia em que as famílias seriam proprietárias de todos os bens disponíveis no Mercado, colocando assim, o Sistema capitalista predominante em colapso.

Como se vê nos dias de hoje, é praticamente impossível o ser humano sentir-se plenamente satisfeito, o que resulta numa Economia de Mercado a pleno vapor, disponibilizando uma imensa variedade de produtos e serviços para o consumo, que se renovam e se descartam numa velocidade nunca antes imaginada.

A ideia da realização frequentemente esteve ligada à satisfação material. Essa satisfação, no cenário das economias de Mercado, reduz-se, de maneira geral, ao consumo de bens materiais, ou para proporcionar mais lazer, ou para ostentar um poder de aparência e de *status social*.

Quem nunca ouviu dizer que uma pessoa realizada é aquela que “venceu na vida”. E esse “vencer”, para muitos, é basicamente acumular bens materiais e ostentar poder. “Vencedor” é aquele sujeito que teve a possibilidade de adquirir o carro do ano, é aquele que usa roupas das melhores grifes, frequenta lugares badalados, viaja para lugares paradisíacos, enfim. Essa nova forma de encarar o mundo passou a ser corriqueira em nossa sociedade e já está interiorizada em cada um de nós, dentro de nosso processo de socialização.



Figura 1
Fonte: iStock/Getty Images

Por conta dos meios de comunicação de massa, essa dinâmica social é ainda mais reforçada. A obsessão pelo vencer – que é a mesma pelo poder – é uma das principais características das sociedades modernas. Esse consumismo egocêntrico dita a regra – pois acaba tendo maiores chances de alcançar essa “felicidade de fachada” quem for mais rápido, mais forte e mais esperto.

No mundo individualista atual, a Ética pode muito facilmente se transformar em “o que não prejudica ninguém está OK”, ou, “o que os outros conseguem fazer impunemente deve estar certo”, ou mesmo “se ninguém souber, está tudo bem”.

Já notou como é cada vez mais comum as pessoas aceitarem normalmente que alguns atletas usem drogas (anabolizantes) para aumentarem sua performance? Se não estão prejudicando ninguém além deles mesmos, que mal há nisso?

Para muita gente também não há nada de errado em receber Seguro Desemprego e trabalhar ao mesmo tempo: não é o Governo que paga por isso...? O que há de errado em contratar um engenheiro só para assinar um projeto? Todo mundo faz isso e sai tão mais barato...qual o problema?



Assista ao vídeo de Ana Carolina declamando a poesia de Elisa Lucinda, cujo nome é:
Só de sacanagem !!! Disponível em: <https://youtu.be/cE1Vuxp0shI>

Mesmo que aceitássemos como válido esse estilo de vida, já pensou como seria a vida das pessoas em nossa sociedade? É que para a maioria da população, a possibilidade de vencer é uma ilusão construída e incentivada pela própria sociedade de consumo. Essa expectativa criada esconde um fato fundamental: o “paraíso dos vencedores” não tem lugar para todos, somente para uma minoria. Certamente, para os cinco os dois por cento mais ricos da população.

Bem, mas será que esses “vencedores” encontram verdadeiramente a sua realização no consumismo, ou apenas se submetem a uma angústia? Não seria, nos países ricos, essa a causa principal dos desajustes sociais?

No universo empresarial, o objetivo do lucro a qualquer custo para sobreviver num mercado extremamente competitivo, é que as considerações éticas são as primeiras a perder o valor, pois, infelizmente, nem sempre a conduta ética pode ser a melhor para os negócios.

Mudança de paradigmas

Essa visão individualista que provoca atitudes compulsoriamente competitivas fez com que a Ética voltasse a ser discutida na área da Educação e nas aulas de Filosofia e Sociologia, certamente. Nos cursos universitários voltados à Área de Negócios, por exemplo, falar sobre Ética se tornou cada vez mais frequente e urgente.

Percebe-se uma preocupação no mundo todo em discutir questões de interesse geral, que requer a participação de todos e uma visão global de cooperação. As inúmeras conferências internacionais sobre Ecologia, fome e Direitos Humanos são exemplos significativos da necessidade de uma mudança ética em todos os campos da vida social.

Nos últimos anos, o debate sobre a Ética na política e nas questões sociais e econômicas ressurgiu com muita força. É crescente e cada vez mais comum o lançamento de livros sobre a “Ética nas Empresas” e de cursos de Gestão de Negócios que agora estão incluindo em seus currículos a Disciplina “Ética e cidadania”.

A Sociedade capitalista e industrializada se expandiu arraigada no materialismo e na supremacia do homem sobre a natureza, trazendo uma preocupação maior para problemas atuais como a poluição, o armazenamento de resíduos sólidos, a violência familiar, o crime, o terrorismo internacional, a extinção de animais, a devastação das florestas, os buracos na camada de ozônio e as milhares de pessoas que morrem de inanição todos os dias por conta do crescimento populacional fora de controle e de uma severa e injusta forma de distribuição de riquezas. Por tudo isso, de hoje em diante só teremos chances de sobrevivência se dedicarmos algum tempo a olhar por cima de nossos próprios ombros, se de fato nos preocuparmos com os outros e vivermos além dos limites de nossas próprias famílias e instituições. E a palavra para definir essa nova atitude de um homem preocupado com o seu futuro é “solidariedade”, que exige união, comprometimento e um alargamento do espaço de diálogo entre todos: sociedade civil, Poder Público e a esfera privada.

São urgentes as necessidades de mudanças que nos conduzam a uma nova visão de mundo e, de certa forma, já estão ocorrendo. Hoje em dia, por exemplo, as exigências do cidadão não recaem apenas sobre produtos ou serviços de qualidade, mas são também de natureza ética. Ou seja: ao comprar um carro, um alimento, um computador, uma peça de roupa ou um serviço financeiro, procura-se saber se aquela Empresa recolhe seus impostos, oferece remuneração justa aos seus empregados, não polui o meio ambiente, é leal com a concorrência, atende às eventuais reclamações da sua clientela e participa de forma positiva de sua comunidade. Muitas pessoas, em especial jovens, estão dispostas a contribuir com boas causas e começam a optar por empresas não apenas voltadas para a produção e lucro, mas que também estejam preocupadas com a solução de problemas mais amplos, como a preservação do meio ambiente e do bem estar social.

Ética e Trabalho: Evolução Histórica do Trabalho

A palavra trabalho deriva do latim *tripalium*, que era o nome de um instrumento formado por três paus aguçados, com o qual os agricultores batiam o trigo, as espigas de milho e o linho, para rasgá-los e desfiá-los. Na maioria dos dicionários, contudo, encontra-se a palavra *tripalium* relacionada a um instrumento de tortura. O fato é que este termo está, geralmente, ligado à ideia de tortura e sofrimento, algo obrigatório e nada prazeroso.



Figura 2
Fonte: iStock/Getty Images

O trabalho, de forma muito simplificada, pode ser compreendido como sendo a disposição da energia humana (física e mental) voltada para uma atividade determinada e útil. O homem, colocando-se a serviço do trabalho, é capaz de modificar a própria natureza.

Profissão é o nome que se dá ao trabalho exercido de forma qualificada, mediante um preparo técnico-científico específico para determinada atividade e supõe, também, *status social*. A atividade de um arquiteto, por exemplo, é uma profissão, pois exigiu a capacitação de alguém para exercê-la.

Na linguagem bíblica, a ideia de trabalho também está ligada a de sofrimento e de punição: “Ganharás o seu pão com o suor de seu rosto” (livro do Gênesis). Assim, é por um esforço doloroso que o homem sobrevive na natureza. Os gregos consideravam o trabalho a expressão da miséria do homem; os latinos opunham o *otium* (lazer, atividade intelectual) ao vil *negotium* (trabalho, negócio).

Será que o trabalho sempre foi visto dessa forma?



Convido você a assistir ao vídeo História do Emprego e Relações de Trabalho no Mundo, disponível em: <https://youtu.be/mT1c6KpHIG4>

Há séculos, desde que surgiu a propriedade privada e os meios de produção, a prática dominante nas relações de trabalho ocidentais foi o escravismo, ou seja, o emprego de trabalho forçado existiu no desenvolvimento da agricultura, pecuária, extração mineral e no comércio.

Para os gregos antigos, o trabalho era desprezado, ficando a cargo dos escravos, pois assim se valorizava a única atividade considerada digna de um homem livre: o ócio dos filósofos. Buscavam, inclusive, inúmeras justificativas éticas para a escravidão. Para Aristóteles, a diferença entre os homens era natural, não havendo qualquer contradição na divisão existente entre o trabalho manual e as atividades intelectuais e políticas.

O cidadão grego não exercia o trabalho braçal porque tinha de ter tempo livre para se dedicar à Filosofia e ao exercício da cidadania. Para que isso fosse possível, os escravos executavam todas as atividades inferiores determinadas pela vontade das classes superiores; daí o surgimento da divisão de classes.

A decadência do Império Romano culminou na ascensão do período que vamos conhecer como a Idade Média, cujas relações de produção na Europa Ocidental evoluíram do escravismo puro ao servilismo, ou seja, da sujeição do indivíduo mais fraco ao trabalho, passando para o servo prisioneiro da terra e trabalhador explorado, que produzia com suas próprias mãos quase tudo de que necessitava.

Naquele tempo, a partir de meados do século XII, a Igreja Católica, pregando a adoração a Deus, defendia o desapego às riquezas terrenas. Para a Igreja manter seu poder, ela condenava o trabalho como forma de enriquecimento, pois este deveria ser visto apenas como meio de subsistência, de disciplina do corpo e de purificação da mente. Assim, o trabalho servia como instrumento de dominação social e de condenação a qualquer rebeldia contra a ordem estabelecida.

Era para se dedicar à funções consideradas nobres, como a política, a caça, a guerra, o sacerdócio e o exercício do poder, que se valorizava o ócio entre as classes senhoriais, assim como ocorreu na Grécia antiga. A ociosidade não era sinônimo de preguiça, mas de abstenção às atividades manuais. Essa ordem feudal, fundada na subsistência e na servidão, juntamente com o desenvolvimento do comércio e das atividades manufatureiras é que dará origem à base de uma nova estrutura social: a sociedade capitalista. O surgimento de um mercado consumidor não só irá conviver por algum tempo com antigas formas de servidão, como fará renascer a escravidão: o trabalho compulsório de africanos nas colônias das Américas é um fato. Para as elites que moldavam esse sistema novo – capitalista – o trabalho livre assalariado passava a ser o ideal para estimular o consumo.

Essa é a concepção burguesa da liberdade individual do homem: ele é livre para usar a força de seu corpo como quiser, portanto, se ao escravo na América não era dada a oportunidade da escolha, ao trabalhador europeu era concedido o direito soberano da liberdade. Assim, o trabalhador passa a se submeter ao capital para sobreviver.

Podemos, dessa forma, afirmar que a essência do sistema capitalista está na separação do Capital e do Trabalho. Essa separação criou dois tipos de homens livres: o trabalhador livre assalariado, que vive exclusivamente de seu trabalho, ou seja, da venda de sua força de trabalho, e o burguês, ou capitalista, proprietário dos meios de produção.

Em relação aos modelos anteriores de sociedade, o que aparecia de novo ao se conceder a liberdade para todos os indivíduos, seria o estabelecimento de direitos e deveres por meio de um Contrato Social. Dessa maneira, ficam definidos os compromissos de ambas as partes - Estado e Sociedade – para garantir um desenvolvimento político e econômico com base na produção e no consumo, desenhando a sociedade atual, que virá a ser conhecida como - sociedade moderna.



Ouça a música “ Cidadão ” de Zé Ramalho e reflita sobre a relação “capital e trabalho” .
Disponível em: https://youtu.be/RFtw0_qNI54

A ética capitalista do trabalho

Se antes a riqueza era vista como pecado, agora não é mais, passando a ser vista como um estado relacionado à vontade de Deus. Max Weber, em sua **Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, diz que essa necessidade de acumulação de riquezas ultrapassou os limites do bom senso comercial e passou a ser um fim em si mesmo, uma concepção de vida, um *ethos*:

O homem é dominado pela produção do dinheiro, pela aquisição encarada como finalidade última de sua vida. A aquisição econômica não mais está subordinada ao homem como meio de satisfazer as suas necessidades materiais. Esta inversão do que poderíamos chamar de relação natural, tão irracional de um ponto de vista ingênuo, é evidentemente um princípio orientador do capitalismo, tão seguramente quanto ela é estranha a todos os povos fora da influência capitalista. Mas, ao mesmo tempo, ela expressa um tipo de sentimento que está inteiramente ligado a certas idéias religiosas (WEBER, 1974, p.187).

Entre as classes mais abastadas, a ociosidade passou a ser sinônimo de negação de Deus. A fé era demonstrada por meio da submissão ao trabalho incessante e produtivo.

A partir do momento em que a produção se torna mecanizada, o trabalho é glorificado como a essência da sociedade do trabalho. Não se concebe mais a possibilidade de existir ordem social fora da moral do trabalho produtivo.

As sociedades, convivendo com seus impulsos egoístas, obrigaram-se a elaborar regras e Leis morais para regular as ações humanas. Essas regras são construídas tendo como base uma espécie de “jogo de interesses”.

A Ética capitalista dá margem ao pensamento de que o bem-estar da coletividade não se deve a um comportamento altruísta das pessoas, mas sim, à defesa do interesse próprio para melhor solucionar os problemas de um grupo social.

Dessa forma, construiu-se uma ideia de um comportamento disciplinar que envolvesse todos os indivíduos dentro e fora da fábrica, ideia essa que relacionava o uso do tempo de forma útil e produtiva, que dignificava o homem. Por outro lado, o ócio passou a ser sinônimo de preguiça e degeneração.

A Empresa dos dias atuais obriga o indivíduo, na medida em que ele é envolvido no sistema de relações de Mercado, a se conformar às regras de ação capitalistas. O fabricante que permanentemente se opuser a essas normas será economicamente eliminado, tão inevitavelmente quanto o trabalhador que não puder ou não quiser adaptar-se a elas será lançado à rua sem trabalho (WEBER, 1974, p.188).

Para imperar a nova ordem, procurou-se eliminar qualquer forma de resistência, impondo-se um modelo de sociedade em que só o trabalho produtivo fabril tinha valor e quem se encontrasse fora desse modelo era expurgado da sociedade.

A Nova Ética Empresarial

Se antes as empresas tinham de ganhar Mercado a qualquer custo, ignorando o que hoje conhecemos como direitos trabalhistas e a própria Ética, pois o lucro era a meta mais importante a ser atingida, com a evolução dos tempos, o trabalho passou a ser relacionado ao comportamento, e as empresas tiveram de estabelecer altíssimos padrões de integridade e depois aplicá-los, sem incertezas. Dada à concorrência de Mercado, as empresas tiveram obrigatoriamente de retomar uma conduta ética para sobreviver se quisessem manter ou conquistar a fidelidade dos seus clientes.

Também, no clima organizacional, quando o espírito da defesa do interesse próprio é o mais forte dentro de uma Empresa, é impossível criar o espírito de equipe, um item hoje considerado fundamental para quem almeja o aumento da produtividade, tão necessária num Mercado competitivo.

Diante de tais problemas, os executivos e os teóricos da Administração se viram obrigados a se debruçar sobre questões éticas para garantir a sobrevivência não só das empresas, mas de seus próprios empregos. Como se vê, o instinto de sobrevivência fala mais alto do que qualquer teoria aprendida na Escola. Afinal, que Empresa teria condições de sobreviver e prosperar num clima de falência econômica, social e ambiental?

Nunca antes se falou tanto em recursos naturais e sua preservação, ou na preocupação com as gerações futuras e a garantia de sua qualidade de vida, aspectos estes discutidos nos grandes encontros locais e globais sobre a temática do Desenvolvimento Sustentável.

Hoje, para toda empresa, a referência comum que norteia suas preocupações é seu impacto sobre o meio ambiente. Desviando a ótica que antes estava no lucro e ganho de Mercado para a perpetuação da existência da Empresa com a garantia de matéria-prima para continuar atuando, o que gera uma preocupação mais consciente e que envolve não só as empresas privadas, mas o Poder Público e a sociedade civil.

Quando uma Empresa se preocupa com as questões ambientais e bem-estar social, preocupações evidentemente éticas, aumenta suas chances de sobrevivência, pois a sociedade desenvolve uma imagem positiva em relação a este tipo de organização.

É como se as empresas, ao aplicarem anteriormente a “Ética do egoísmo”, conseguissem, como efeito colateral, atingir de forma benéfica o conjunto da sociedade, trazendo à tona um movimento chamado de “responsabilidade social” de empresas e organizações.

Individualismo e Ética Profissional

Ocorrem sérios problemas quando o ser humano coloca em primeiro lugar seus interesses próprios. Por conta disso, a consciência de grupo tem surgido e ocupado um espaço importante dentro das grandes organizações. Para que não haja choque no quadro interno das empresas de todos os portes, a maioria delas vem desenvolvendo o seu próprio Código de Conduta Ética.

Como já vimos, a conduta do ser humano pode tender ao egoísmo, mas, para os interesses de uma classe, de toda uma sociedade, é preciso que se acomode às normas, porque estas devem estar apoiadas em princípios de virtude. Como as atitudes virtuosas podem garantir o bem comum, a Ética tem sido o caminho justo e adequado para o benefício geral.

Sendo assim, algumas virtudes profissionais passaram a ser extremamente observadas e valorizadas dentro do quadro funcional de uma Empresa, como veremos a seguir.

Virtudes profissionais

Sabemos dos deveres que cabem a cada profissional, em qualquer área de trabalho, e que devem ser cumpridos da melhor maneira possível; porém, além

dos deveres, os quais são obrigatórios, devem ser levadas em conta as qualidades pessoais que também concorrem para o enriquecimento de sua atuação profissional, algumas delas facilitando o exercício da profissão.

As qualidades profissionais poderão, obviamente, ser adquiridas com esforço e boa vontade, o que aumentaria o mérito do profissional que, no decorrer de sua atividade, consegue incorporá-las à sua personalidade, procurando vivenciá-las ao lado dos deveres profissionais.

Podemos considerar como virtudes fundamentais, tomando como base de raciocínio o ambiente empresarial e o Mercado de Trabalho, a **lealdade**, a **responsabilidade** e a **iniciativa**, imprescindíveis para a formação de Recursos Humanos. Um profissional que almeja uma carreira de sucesso pode depender dessas virtudes. Vejamos:

Manter-se empregado pode depender do senso de **responsabilidade**. Numa Empresa, um indivíduo sem responsabilidade não poderá demonstrar lealdade e nem espírito de iniciativa. O responsável pelos resultados de uma determinada equipe terá maior probabilidade de agir de maneira mais favorável aos interesses da equipe e de seus clientes, dentro e fora da Organização. Sentir-se responsável e ser reconhecido como tal, fortalece a autoestima de toda pessoa. Essas pessoas percebem um sentido na vida, alcançam metas e se beneficiam com isso, tendo mais oportunidades de trabalho, promoção, melhores salários e podendo assumir trabalhos que demandam maior comprometimento.

A **lealdade** de um funcionário faz com que este se alegre quando a Organização ou o seu Departamento é bem sucedido, defende a organização, toma medidas concretas quando a Empresa é ameaçada, tem orgulho de fazer parte da Organização, fala positivamente sobre ela e a defende de críticas.

Lealdade não quer dizer obediência, mas ser leal significa fazer críticas construtivas, agir com a convicção de que seu comportamento vai promover os legítimos interesses da Organização, mas também pode significar a recusa em fazer algo que você não considera correto ou acha que poderá prejudicar a Organização ou a equipe de funcionários.

As virtudes da responsabilidade e da lealdade são completadas pela iniciativa capaz de colocá-las em movimento

Ter **iniciativa** ou fazer algo de interesse da organização significa, ao mesmo tempo, demonstrar lealdade, bem como assumir responsabilidade por essa atitude.

Também outras qualidades podem ser consideradas importantes no exercício de uma profissão, como, por exemplo:

Honestidade	Ser honesto é atrair para si a confiança do outro, sendo verdadeiro.
Sigilo	Uma informação sigilosa é algo que nos é confiado e cuja preservação de silêncio é obrigatória.
Competência	Competência, sob o ponto de vista funcional, é o exercício do conhecimento de forma adequada e persistente de um trabalho ou de profissão.
Prudência	Todo trabalho, para ser executado, exige muita segurança e deve ser muito bem analisado. A prudência é indispensável nos casos de decisões sérias e graves.
Coragem	A coragem nos ajuda a reagir às críticas, a não ter medo de defender a verdade e a justiça.
Perseverança	Todo trabalho está sujeito a incompreensões, insucessos e fracassos que devem ser superados. O profissional deve prosseguir em seu trabalho, sem se entregar a decepções ou mágoas.
Compreensão	Qualidade que facilita a aproximação e o diálogo, imprescindível no relacionamento profissional.
Humildade:	Representa a autoanálise que todo profissional deve praticar em função de sua atividade profissional, a fim de reconhecer melhor suas limitações, buscando a colaboração de outros profissionais mais capazes, se tiver essa necessidade e se dispor a aprender coisas novas, numa busca constante de aperfeiçoamento.
Imparcialidade:	Destina-se a se contrapor aos preconceitos, a defender os verdadeiros valores sociais e éticos, assumindo principalmente uma posição justa nas situações que terá de enfrentar. Para ser justo é preciso ser imparcial, logo, a justiça depende muito da imparcialidade.
Otimismo:	Diante dos desafios que irá encontrar, o profissional precisa e deve acreditar na capacidade de realização, no poder do desenvolvimento, enfrentando os desafios com energia e com humor.

Obviamente, existem outras virtudes que aqui não foram citadas; porém, aqui foram apresentadas as principais. Valorize-as, dissemine-as e as coloque em prática. Precisamos de uma sociedade que valorize os princípios e as virtudes, pois assim teremos uma vida digna e deixaremos um bom legado para as próximas gerações.

Material Complementar

Indicações para saber mais sobre os assuntos abordados nesta Unidade:

Livros

Fundamentos da Filosofia

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2002.

Ética na Empresa

CAMARGO, Marculino. **Ética na Empresa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

Ética dos maiores mestres através da História

PEGORARO, Olinto. **Ética dos maiores mestres através da História**. Petrópolis: Vozes, 2006.

Filmes

Documentário: Ilha das Flores: curta-metragem brasileiro

Direção: Jorge Furtado. Brasil, 1989.

O Diabo veste Prada

Direção: David Frankel. EUA, 2006.

O Show de Truman

Direção: Peter Weir. EUA, 1998.

Referências

- AGUILAR, Francis J. **A ética nas empresas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- ALENCASTRO, Mario. **A Importância da Ética na Formação de Recursos Humanos.** São Paulo: Registrado na Fundação Biblioteca Nacional sob n. 197.147 livro: 339 fl: 306, Artigo Publicado em 1997.
- ARRUDA ARANHA, Maria Lúcia de; PIRES MARTINS, Maria Helena. **Filosofando:** Introdução à Filosofia. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- PESSANHA, José Américo Motta. **Vida e obra de Aristóteles:** Tópicos dos argumentos sofísticos. São Paulo: Nova Cultural, 1987.



Cruzeiro do Sul Virtual
Educação a Distância

www.cruzeirodosulvirtual.com.br
Campus Liberdade
Rua Galvão Bueno, 868
CEP 01506-000
São Paulo - SP - Brasil
Tel: (55 11) 3385-3000



Cruzeiro do Sul
Educacional